
IMPRESSÕES DA RÚSSIA*

Pierre Sanchis

Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil

Resumo: Não mais do que “impressões”, este texto, sem pretensões científicas, imagina dar conta a um eventual leitor dos pensamentos oferecidos ao próprio autor pela rica experiência de uma cidade (e de um país) fascinante, autêntico laboratório onde a transmutação de passados sucessivos em memória viva evidencia o processo de construção alquímica de um presente histórico. Não se trata de afirmações, mas de sugestões avulsas, que se sabem subjetivas mas assim mesmo capazes – quem sabe – de encetar um diálogo.

Palavras-chave: antropologia, memória, narrativa.

Abstract: Only “impressions” is what this text, which has no scientific pretensions, intends to give to any possible reader of the rich experience and the thoughts originated from the author’s observations of the life in a Russian city, and of the country as well. Russia is a fascinating place, a living laboratory, where all the transformations of a complex past led to the construction of a historical present. This text should not be considered as a roll of definite concepts rather than a suggestion to provide a debate about them.

Keywords: anthropologic, memory, narratives.

Não falarei do mundo de formalidades que cerca um projeto de viagem à Rússia. Na verdade ele beira o cômico, e pode acontecer – acontece! – que alguns cidadãos russos ignorem suas sutilezas (ou até alguns pontos seus fundamentais) e, quando os descobrem, participem do sorriso do recém-chegado ou do candidato à chegada. Porque a capa pesada deste formalismo vindo do passado é no mais das vezes compensada pela gentileza daqueles que, por função,

* Relato escrito em Belo Horizonte em dezembro de 1998.

o manuseiam hoje, e tentam até flexibilizá-lo. Acontece também que as durezas administrativas amoleçam diante dos mecanismos de mercado, que já regulam em parte este tipo de relações. Finalmente, acabei embarcando com dois dias de atraso, o que suprimiu a passagem inicialmente prevista por Moscou, fazendo escala no Rio para – ainda na expectativa e na dúvida – dar um pulo ao Consulado e receber o meu Visto. Muito simpaticamente entregue, com os melhores votos de aproveitamento e desejos de que o contato com a Rússia me seja bom.

Na chegada, o viajante poderia sentir-se inseguro: ainda no avião é-lhe pedida a declaração detalhada de todo o dinheiro na sua posse, e o formulário deixa a entender que terá que prestar contas, na saída, de todos os câmbios realizados, com declaração das datas, do valor e dos bancos concernidos. Mas disto não se falará mais. Ninguém, na saída, perguntou nada, nem mesmo notei, durante minha permanência, qualquer controle das operações nos numerosos balcões de câmbio. Até a taxa do dia era variável conforme as instituições. É verdade que, no embarque de volta, os episódios de controle não faltavam durante a travessia do aeroporto, mas nem foi pedido o famoso Visto de entrada, que mencionava os dias de permanência permitidos e que em muitos casos poderia ser motivo de repreensão ou de multa. O quadro, de antemão perturbador, na hora revestiu-se de amável bonomia. Um detalhe curioso, enfim: naquela declaração preenchida no avião, os rublos eram ditos “rublos soviéticos”. O que me lembrou o formulário mandado oficialmente por FAX pelo próprio Consulado para a solicitação do Visto e que, ele também, falava em “União Soviética”, enquanto o formulário equivalente que recebi da agência de viagens mencionava somente a “Rússia”. Inversão das prioridades lógicas: a administração pública mais atrasada que a iniciativa particular para se conformar à mudança da nomenclatura oficial. Ou esta inversão não seria meramente casual...?

No aeroporto me esperavam Nicolai, o estudante (já Mestre em Língua portuguesa) com quem tinha correspondido, e Catarina, uma estudante do 4º ano, falando também perfeitamente português. O primeiro vai ter que cuidar especialmente de um casal de professores de Coimbra, participantes do Congresso, que chegam nesta mesma tarde e que são já seus amigos. Por isso pediu à Catarina que se encarregasse de mim. Fiquei tranquilizado. E sensibilizado. Levaram-me ao hotel, ajudaram-me nos trâmites burocráticos (complicados, e sobretudo miúdos e constantemente dependentes da decisão de um funcionário que, por sua vez, se reporta a um regulamento e a documentos meus e seus (da agência de viagens e do próprio hotel) para me situar, enquanto hóspede, em tal ou tal categoria. Estas minúcias formalistas se renovarão

todos os dias de manhã, na hora de tomar o meu café. Na variedade de lugares hierarquicamente ordenados que compõem a imensa sala de jantar/festas não era fácil a qualquer garçom encontrar aquele que correspondesse a meu próprio status ... Consultas aos chefes, decisões mutáveis, etc. Só nos últimos dias, bastava um dos garçons avisar em voz alta que era “o brasileiro” que entrava, e cada um sabia de cor o meu lugar. Hotel imenso (1600 quartos), com cassino, diversos salões de refeição e de bar, sauna, jogos, etc., etc. Até prostitutas caseiras, elegantes e discretas., que propõem seus serviços – em inglês – não em termos de sedução mas, friamente, de negócio. Somente no fim descobri que duas das atendentes no balcão da recepção falavam perfeitamente francês.

Imediatamente depois saímos. Nicolai e Catarina tinham combinado com um colega um “tour” na cidade. Não consegui liberar-se, e logo arranjaram outra pessoa, de kombi, que de antemão comunicou a sua tarifa. Tudo em dólares (verifiquei rapidamente que os russos de classe média tinham dólares no bolso, para atender a eventuais tratativas nesta moeda). Primeiro contato com a cidade. Apesar do tempo chuvoso, uma maravilha. Pouco “russa” na sua arquitetura mais aparente. Influência italiana e francesa evidente. Um barroco puxando para o rococó e deslizando para o neoclássico. Os primeiros edifícios, do início do séc. 18, mais solidamente plantados em volumes simplificados, de regularidade cortada por uma ou outra Unha arrojada, em geral de orientação vertical. Claro que, num primeiro momento, fui levado a confundir os monumentos. Mas logo aprendi a classificar igrejas e palácios, estátuas históricas (o “cavaleiro de bronze”...), praças ajardinadas e parques. Outono esplendoroso. A perspectiva Nevsky. O Neva. À sua beira, a longa linha dos palácios redistribuídos em prédios públicos, entre eles a Universidade.

No dia seguinte Catarina veio buscar-me no hotel para levar-me à Universidade, como fará sempre, ou pessoalmente ou delegando uma colega. De fato, circularéi com três estudantes: a já apresentada, sua colega mais nova “Estela” (como, disse ela, a chamavam no curso, porque o seu nome russo era alusivo à estrela), do segundo ano de faculdade (ia fazer 18 anos) e uma terceira, que veio só uma vez e, um pouco mais velha, parecia mais a par dos detalhes da história cultural russa e também – pois isso me interessava – mais próxima aos problemas da vida religiosa ortodoxa atual. Disponibilidade total. Delicadeza refinada. Amizade. Foi-me dito que é costume lá não deixar os estrangeiros virarem-se sozinhos. Costume cultural antigo? Consciência da dificuldade especial apresentada ao visitante pelo alfabeto que lhe é estranho? Costume político do regime superado? Em todo o caso, foi precioso para

mim. Não só porque ganhei assim um tempo imenso e senti muita segurança diante do desconhecido, mas também porque, dia e quase noite, no decorrer do Congresso e fora dele, tive sempre alguém a quem podia fazer as mais esdrúxulas perguntas, e sempre disposto a me responder. Além destas três moças, um jornalista, ex-aluno do curso de português e antigo correspondente da TRP, muito informado sobre os detalhes da vida política e com quem visitei o Palácio de Inverno e um pouco do Ermitage, e um professor, que passou comigo longas horas noturnas, depois do jantar de despedida do Congresso, a deambular pelas ruas do Centro, entrando em palácios ainda abertos, e me levando até o hotel. Acrescento o jantar na casa dos pais da Catarina, em companhia também da Estela, convidada para reforçar o “serviço de tradução”. Pai, mãe, avó, extremamente abertos e simpáticos, prontos para analisar comigo e para mim todos os problemas que lhes submetia. Enfim, no encerramento do Congresso, estava sentado ao lado de uma professora de Moscou, que insistiu para eu ir até lá de trem noturno, reservando pelo menos um dia para conhecer de leve a capital, e prometeu mandar-me na estação umas alunas para me acompanhar. Duas estavam lá de fato, que não me abandonaram um instante. Segunda feira, infelizmente, dia de fechamento de todos os museus da Europa. Pelo menos o Kremlin, as estações de metro, a rua Arbatt, uns passeios de reconhecimento em torno da Praça Vermelha. E pouco mais. Lá também, infindas conversas. Num clima aparentemente sem reservas.

Tudo isso me deu a possibilidade de fazer-me uma “idéia” sobre este fascinante país e sua atual situação. Não garanto em nada que esta idéia seja objetiva. Por dois motivos: o caráter estritamente seletivo do meio que, por tão pouco tempo, freqüentei, por um lado, e a carga de subjetividade que deve colorir minhas observações, tão grandes eram minhas expectativas e, sem dúvida, tão presentes minhas idéias pré-concebidas.

São Petersburgo

O Grupo que me convidara para o Congresso era um Grupo de Estudos portugueses e brasileiros, da Faculdade de Lingüística da Universidade Oficial de São Petersburgo. A cidade possui longa tradição de estudos lingüísticos, já tendo dado edições pioneiras no tempo de Catarina II e, no início do século, o estudo dos povos do Norte do Império russo, estudo que nunca separou a língua da cultura. Possivelmente por causa desta tradição, o Congresso convocava não só lingüistas e críticos literários, mas também estudiosos da cultura,

historiadores e etnólogos. Tratei de cultura, é claro, das culturas portuguesa e brasileira nas suas relações com o espaço, a conferência do historiador português versou sobre “Cantigas de escarnio” e a da senhora sobre a arte manuelina. Os comentários revelaram informação e interesse

Mais tarde falarei das condições atuais de trabalho e de vida dos professores universitários. Mas é preciso sublinhar aqui que estas duras condições não diminuem em nada o entusiasmo destes colegas, que fazem da descoberta e do ensino do português, de Portugal e de sua cultura, cada vez mais também do Brasil (no próximo ano vão começar o ensino do “brasileiro”) a tarefa à qual dedicam sua vida. Com poucos recursos materiais: instalações, meios de ensino, etc., mas com uma eficácia notável. Tanto em São Petersburgo quanto em Moscou, os alunos dominavam magnificamente o português, inclusive com o perfeito sotaque lusitano. Supérfluo seria falar, neste aspecto, dos professores...

Este Congresso, o IIº organizado pelo Grupo, versava sobre os “Espaços luso-brasileiros”, mas a língua mais comum das comunicações era o russo. Só as conferências do casal português e a minha – com alguma coisa da exposição do Diretor do Centro, nascido no Brasil de família ucraniana, e que falou dos topônimos tupis na língua brasileira – não se deram naquela língua. Diante disso, desde o segundo dia os organizadores nos puseram explicitamente à vontade: “Entendemos que para os Senhores não é nada interessante, mesmo com os colegas que podem ficar a seu lado para resumir em português algo do conteúdo das exposições. Por isso, aproveitem da cidade, só frequentando as sessões onde algo de português será dito”. O que fizemos. Participamos, além do que foi falado acima e de algumas conversas em torno de projetos de parceria possíveis entre nossas Universidades, só do jantar final, na cafeteria da Faculdade, reservada a este fim, na sexta à noite. As sessões acompanhadas através de tradução amiga e individual permitiram no entanto avaliar a riqueza das pesquisas deste Grupo, preocupado pelas relações entre a literatura (e, mais geralmente, o pensamento) portuguesa e a vida cultural russa, muitas vezes pela mediação da Alemanha. São correntes de pensamento atravessando espaços e séculos, e que vêm revelar uma circulação nórdica de idéias e de formas lusas que nos é normalmente difícil imaginar.

Aproveitei, pois, de São Petersburgo. Não descreverei os palácios nem as igrejas. Um livro e algumas fotografias poderão evocá-las. Simplesmente direi o encanto de uma capital construída para ser uma fortaleza, um Centro de construções navais e um palácio residencial do Czar de todas as Rússias. Uma aristocracia numerosa e brilhante devia dar um tom urbano todo especial. Anotarei somente duas impressões, fortes. A primeira: rondava o que

eu pensava ser a minha memória (pela história da Revolução, mais ou menos conhecida) a imagem de um palácio imperial altaneiro, pairando acima da vida quotidiana de um povo mantido na semi-escravidão. Imaginava até uma solene escadaria de acesso, provavelmente aquela da cena famosa do Encouraçado Potemkin, que eu transferia inconscientemente de Odessa para São Petersburgo. Surpresa! O Palácio de Inverno não domina nada. Situa-se à beira-rio por um lado, dando do outro lado sobre uma praça imensa, praça esta onde desembocam, por um arco monumental, as artérias do tecido urbano. Da sua janela principal, o czar falava ao povo aglomerado na praça. Só um portão com grade esplêndida separava este povo do imenso luxo das intermináveis salas de madeira, estuque e ouro. O que se, por um lado, torna viva a imaginação visual da cena de massacre do “Domingo sangrento” da revolução de 1905, por outro lado reduz as dimensões da “tomada” do Palácio de Inverno, ponto central da mitologia outubrista, às de um passeio armado, ultrapassando algumas mulheres de prontidão – a única guarda daquele dia – até a sala, que se pode visitar, onde estava reunido o Governo Provisório.

A segunda impressão forte é de outra ordem. Ela reencontra algumas análises que me são familiares a propósito do Brasil. Moscou, como Kiev, dizem, ou Novgorod, é uma cidade esteticamente russa. Um estilo inconfundível, cujo espécime insuperável é a Catedral São Basílio, construída por Ivan o Terrível na Praça Vermelha, marca-a, por fora e por dentro de seus espaços públicos, sobretudo os tradicionais. Mas em São Petersburgo, a tradição é outra. São arquitetos italianos ou franceses que deram o seu toque ao conjunto urbano. Ou, quando eram russos, se esmeraram em inspirar-se da lição daqueles que tinham vindo de fora. No entanto – e aí está o interessante – inspirar-se não foi copiar. Nem os italianos e franceses reproduziram simplesmente os modelos de sua cultura. Fachadas barrocas, sim, domos soberbos, conchas e arquivoltas rococó em fundo claro (não branco, aliás, e já está ali uma marca: o conjunto do Palácio de Inverno e do Ermitage, por exemplo, é verde, o Palácio de Verão azul), mas “algo”, a ser mais detidamente analisado, não deixa pensar na simples reprodução de, por exemplo, um “estilo Luiz XV”. Nem, mais tarde e em outros apartamentos, em mobília genuinamente “Império”. Como se este povo, mesmo na sua ânsia para igualar-se ao Ocidente, ânsia que habitou Pedro o Grande e fez São Petersburgo, não pudesse simplesmente copiar este Ocidente sem assimilá-lo a si e reexpressá-lo “diferente”. Qualquer coisa que me lembrou constantemente a “antropofagia” brasileira segundo Oswald de Andrade.

Esta impressão fortificou-se na visita que fizemos, o casal português, eu e Nicolai, à cidade hoje chamada de Pouchkine (pois o poeta ali estudou, no liceu imperial construído em anexo ao Palácio), e que era o Petrópolis da dinastia russa, na verdade uma de suas cidades de veraneio. Uma obra-prima do barroco, esta fachada do seu Palácio principal, o “Palácio de Verão”, que se estende em não menos de trezentos metros... Maior do que Versailles. Sendo este palácio um dos 14 existindo na cidade, por sua vez uma entre as cidades onde a corte passava o verão. Também não o descreverei. Simplesmente direi o quanto as torres de sua capela, de perfil tipicamente russo mas de decoração barroca, sabem articular-se às linhas barrocas de uma fachada por sua vez marcada por uma exuberância colorida de cunho particular. Talvez seja na sua decoração interna e sobretudo no sua mobília, que os estilos “importados” e bem conhecidos não deixam de serem “reinterpretados” por detalhes inéditos – ou pelo menos que me pareceram tais, bem como à professora portuguesa de história da arte com quem os comentava.

Acrescento somente um detalhe à história deste palácio. Tendo abrigado o Estado Maior do exército alemão durante o cerco de Leningrado, ele foi praticamente destruído. Fotografias atestam o fato. A sua restauração “ao natural”, graças a desenhos e plantas antigas e ao modelo das salas relativamente conservadas, está hoje quase acabada, deslumbrante que se encontra como em seu primeiro esplendor. Só uma sala, outrora inteiramente forrada de âmbar e pilhada pelos alemães não pôde ser reconstituída porque não se reencontrou o material, levado para determinada cidade, cujo nome é conhecido através de documentos mas onde nada foi detectado. Só para esta sala utilizou-se grande parte de material “de imitação”. O resto!...

São Petersburgo e Moscou

As diferenças entre São Petersburgo e Moscou são evidentes. Como qualificá-las, depois de tão breve contato?

Praticamente – pelo menos no que toca as gerações mais novas – as populações pareceram-me não se conhecer tanto mutuamente. Seria interessante reconstituir a imagem que cada uma das categorias de habitantes tem da outra, e levantar os – provavelmente inúmeros – estereótipos... Num certo sentido, seria Rio e São Paulo, ou Paris e Lyon do século passado, etc.

Cheguei às oito horas mais ou menos em Moscou. Metrô cheio. Em São Petersburgo era provavelmente a mesma coisa (apesar de que a vida começa lá

para as 9 hs), mas a correria era outra. Em intensidade e em eficácia... A ponto que deu-me a impressão de estar de repente numa outra civilização. Lá, deambulava-se; aqui, ia-se para um lugar determinado. Com decisão e eficiência. Evoquei o contraste entre a aparente gratuidade nos movimentos de uma pesquisa antropológica clássica e a determinação programada de uma pesquisa de sociologia.

Parece-me também que, apesar de existir, de um lado e do outro, consciência crítica sobre o fenômeno “Novos Russos”, a aceitação desta categoria e a conquista tranqüila de seu lugar numa certa estrutura psico-social está mais adiantada em Moscou: maior naturalidade para constatar, julgar e aceitar o crescimento geral das aspirações para a modernidade e suas diversas realizações – sendo essa, infelizmente, uma delas. Pelo menos nos dois segmentos sociais limitados que frequentei, a diferença de sensibilidade às mudanças atuais do cotidiano urbano pareceu-me marcante entre uma e outra cidade. E diferentes indícios vieram confirmar esta impressão. Por exemplo, no MacDonald da rua Arbatt, com decoração de mármore, a frequência é de classe média visivelmente sofisticada e, sinal que me chamou mais ainda a atenção, as garçonetes são elegantes, vestidas com certo requinte (por exemplo, todas usando sapatos de aparência nova e de qualidade). Ora, este “clima” não pareceu digno de nota às minhas duas acompanhantes. Ao contrário, em São Petersburgo, as minhas guias hesitavam sempre em entrar nos lugares, insistindo com muita delicadeza sobre o fato de que “elas” não precisavam de nada, preferiam comer quando chegassem em casa, etc.

Do *shopping-center* do Kremlin, que dizer? Nunca vi um exemplar deste gênero casando tão harmoniosamente a modernidade americana e certa tradição arquitetônica clássica. O material, mármore generalizado (e granitos?), e o clima geral da circulação lembram os nossos shoppings de estilo americano, mas as linhas, os equilíbrios e os elementos decorativos são mais tradicionais – como uma retomada pragmática das tradições ocidentais de maior gratuidade e menor pragmaticidade, que a Rússia já soube fazer em outros tempos. Todas as escadas providas de balaústros clássicos, por exemplo, ou ainda seis ou oito cúpulas para distribuir a luz, e sobretudo, no centro estratégico da circulação, uma imensa cúpula de vidro pintado, com o mapa dos Continentes na parte superior arredondada, parte que repousa sobre um anel, também translúcido, onde se desenham em sombras ritmadas as principais igrejas da Rússia. Uma evocação da abertura ao mundo baseada na articulação da religião e do mercado?... Mas o mais impressionante é o acúmulo das lojas mais luxuosas, das marcas e grifes mais célebres do mundo inteiro, com uma apresentação

requintada das mais sofisticadas mercadorias. E um público circulante (e não propriamente “comprador”, ao que pude observar rapidamente),¹ vestido na última moda, e com requinte.

No mesmo sentido da justaposição dos antigos símbolos e dos novos, um sinal pitoresco, de que tentei uma fotografia: a loja Christian Dior em plena Praça Vermelha, quase em frente ao famoso mausoléu!

O restaurante italiano, também perto do Kremlin, nos melhores padrões do que seria a junção de um “sistema” comercial modesto (ie: *selfservice*, mesas de material modernoso, etc.) com um “nível” excelente, tanto de apresentação quanto de qualidade gastronômica. Não muito cheio, é verdade... E as meninas disseram-me, sem mais, que “não tinham condições de ir lá todos os dias”... Mas nem nós no Brasil!... Os preços, de fato, eram mais altos que aqui para o equivalente (almoço simples para três, com água mineral, mais ou menos 45 reais).

Este conjunto não atraiu nenhum comentário especial. Parece fazer parte agora da vida quotidiana – talvez não do quotidiano de quem me acompanhava, mas pelo menos do quotidiano de uma certa Rússia – que não qualificaram?

Isso supõe que a “crise” esteja atingindo Moscou de modo muito seletivo. Apesar de tudo, os salários devem ser melhores que em São Petersburgo, os negócios mais abrangentes, a demanda mais gorda. Por exemplo, foi-me dito que os professores universitários têm aqui facilidade para arranjar outros empregos (É verdade que, em São Petersburgo também alguns professores teriam muitas vezes suas ocupações próprias, até institucionalizadas, por exemplo um Instituto de Línguas). A cidade – ou, pelo menos, a pequena parte da cidade que conheci – parece não sofrer da crise no seu aspecto de manutenção urbana e limpeza. Os vitrôs das estações de metrô, de difícil e custosa conservação, estão perfeitamente (ou quase) intactos, as ruas limpas, etc. Já em São Petersburgo, notam-se as conseqüências de um provavelmente minguado orçamento municipal: o estado de conservação das calçadas, por exemplo, lembra direitinho o das do Brasil.

O contraste (ou será ilusão minha em tão pouco tempo?) parece confirmar-se em muitos detalhes. Não em todos, no entanto. Em torno da estação ferroviária de Moscou, por exemplo, multiplicam-se as lojinhas de lembranças, de objetos utilitários, de eletrônica simples, de relojoaria e roupa. Na verdade

¹ Um programa recente da TV suíça acompanhava a viagem a Moscou de uma delegação comercial helvética, composta, entre outros, pelo Diretor-Presidente da Sociedade proprietária do que, pela descrição, pareceu-me ser precisamente o Shopping que estou aqui descrevendo. Este empresário manifestou-se amplamente temeroso quanto ao futuro do seu empreendimento: o movimento comercial caiu em 60%, e ele entrevê a possibilidade de dar-lhe fim em fevereiro ou março, depois de um balanço mais acurado.

umas espécies de boxes onde cabe só uma pessoa sentada, os contatos com o freguês se dando através de um recorte no vidro da vitrine. Tudo modesto nos preços – e também em certa medida na qualidade – da mercadoria. Tudo muito pouco procurado, é verdade (provavelmente a desvalorização já tenha tornado proibitivos preços ontem mais acessíveis) e os vendedores e vendedoras ficam tranqüilamente sentados, lendo ou descansando, sem ânsia aparente para fazer negócios. A generalizar o ritmo das vendas que constatei (lá para as 9-10 hs da noite), a feira do dia deve ser das mais fracas. É constantemente que a pergunta aflora: “De que vive este povo?” No entanto, mesmo dentro destes limites, a cidade parece preocupar-se em se afirmar como imponente e moderna. Até no modestíssimo *self* da estação, onde estou agora escrevendo estas linhas, de frequência totalmente popular e de mobília das mais simples, a empregada que serve no balcão das comidas (a pessoa escolhe, mas alguns pratos, como a sopa, saem quentes das panelas e, pois, devem ser servidos) está elegantemente uniformizada: roupa com babados, perfeitamente limpa e passada.

Em São Petersburgo, ao contrário, parece que está mais presente a resistência à expansão da mentalidade “de dinheiro”. A dimensão da cultura está mais gratuitamente afirmada. Fala-se dos “Novos Russos” com certo escárnio. No apartamento onde fui recebido, o corredor da entrada, comunicação entre os dois únicos cômodos principais, estava, de alto a baixo atapetado de livros. Sem que nesta casa ninguém da geração “adulta” fosse intelectual de profissão.

Em Moscou, senti uma preocupação para o não reconhecimento dos diplomas russos no exterior, sendo eles superiores a outros: “Dizem que nossa formação é melhor. E no entanto...”. Mas esta pergunta, além da ferida na sensibilidade nacional que ela manifesta, se colora de preocupação para com a carreira individual. Em São Petersburgo, a preocupação que senti – mesmo entre jovens e, é claro, também junta com a dúvida sobre o seu futuro profissional – é pela queda da cultura geral, do hábito da leitura nas novas gerações: o cuidado pelo dinheiro prejudicaria a grandeza desprendida e gratuita da cultura. E de São Petersburgo, Dimitri, o jornalista de que já falei e que, depois de ter percorrido a Rússia inteira no tempo da Perestroika, como correspondente da RTP, agora retirou-se na sua “datcha” perto do Lago, com sua mulher e seu filho pequeno, cultivando flores e alguns legumes, vivendo de pouco, escutando música – tendo até deixado o computador no apartamento de Peter. Só quando o filhinho precisar de uma melhor escola o casal pensa em voltar para a cidade. É ele que me perguntava: “Com a sua observação de antropólogo e sua sensibilidade para o belo (estávamos num Museu), sem dúvida você notou a beleza dos

rostos e das pessoas, nos diversos países que conhece. O que acha, daqui, da França, do Brasil?” E de desenvolver o resultado da série de observações que ele próprio tinha feito naqueles países (“Não tinha nada de particular a fazer, então dediquei-me a observar os rostos no metrô...”) Ele tinha então notado, apesar da elegância, a feiúra dos rostos, dos olhares, das expressões faciais, na França e na Inglaterra, nos países mais ricos em geral. Fato que ele atribui às preocupações, muito especialmente à preocupação dominante de e pelo dinheiro. “O tempo só é usado para ganhar dinheiro. E isso torna as pessoas feias”.

Falando em cultura, não se pode deixar de aludir ao teatro, balé e ópera. Suponho que sua presença seja tão intensa em Moscou quanto em Peter, mas é aqui que a experimentei. Era “evidente” para meus amigos que minhas noites deviam ser ocupadas, e a ocupação mais espontaneamente lembrada era essa. Dia de semana, preço de 40 dólares para a ópera, 25 para o balé. Sala cheia. E, quando para o balé quiseram comprar a entrada, estavam todas esgotadas e foi preciso recorrer ao mercado negro, por quase o dobro do preço... Rimski para o teatro (*A donzela de Rkov*), um autor russo contemporâneo para o ballet (*Dom Quixote*). Uma atenção, uma fixação, um entusiasmo ímpar, que deviam provavelmente renovar-se todos os dias! E que faziam jus à qualidade do espetáculo, qualidade de sua produção, conforme a grande tradição russa de exuberância cênica, de esmero pictural dos cenários e de movimentos de massa do coro, qualidade dos protagonistas, tanto como cantores quanto como atores. Dez vezes tiveram que “voltar”, no famoso teatro Mariinski, antigo teatro imperial, para corresponder à admiração de um público insaciável. Uma experiência para mim inesquecível. Mas pareceu-me também que teatro e balé aqui oferecem mais emoções do que simplesmente estéticas. Terei que voltar a este ponto.

Relação com a memória coletiva

Com ênfases diferentes – mas diferenças mais individuais do que atribuíveis a cidades, classes, embora um pouco a gerações – senti certa recusa em se preocupar com a política,² em querer saber dos acontecimentos, em decidir-se a tomar partido. Como quem diz (foi-me efetivamente dito):

² Como pondo um bemoal à minha sugestão, esta frase de recente correspondência: “Quanto ao Natal, é uma festa religiosa e a maioria das pessoas aproveitam-na para prolongar a festa do Ano Novo. O povo russo gosta de reunir-se à mesa e falar na política, nas intrigas do governo, etc...”

“Sofremos demais com isso. Não quero mais saber de nada!”

Mas há mais. Entre os jovens adultos constatei uma aparente ignorância histórica a respeito dos acontecimentos do regime soviético (inclusive da Revolução) e também dos acontecimentos dos últimos dez anos. Em Moscou, por exemplo, passando perto da Douma, as minhas acompanhantes pareciam não saber nada do famoso bombardeio por Ietlsin – ou não queriam se lembrar?... Figuras importantes como Krutchev, Gorbachev, até Trotsky, num certo sentido até Stalin e mesmo Lenin poderiam parecer indiferentes. “Sim, ele está ali. Há dois anos que o Mausoléu está fechado. Não se sabe...”. Havia, de fato, um guarda para assegurar a não passagem e, mais além, alguns materiais de construção e um limite físico barravam o caminho até o famoso “muro do Kremlin”, de que se viam emergir, de longe, as estelas fúnebres. Aliás, nem do mausoléu nem do “muro” as minhas acompanhantes tomaram a iniciativa de fazer menção. Como de uma presença sem peso especial, fazendo parte de um passado abolido. Teriam ido lá um dia?? Até do túmulo do soldado desconhecido, no outro lado da muralha, em plena praça pública, este, e que lembrava muito provavelmente os heróis da última “guerra patriótica”, não souberam exatamente dizer-me de que se tratava, já que estava em obras e não pudemos nos aproximar. Dele, no entanto, falaram. Tratava-se da “guerra patriótica”.

Interrogada a propósito de outros fatos ou hábitos, lembranças, etc. datadas do mesmo “regime soviético” (expressão que acabou suscitando risos e ironias, de tão usada por mim, e que tive de substituir por uma mais subjetiva: “No tempo de sua infância”...) uma das estudantes acabou justificando-se, me explicando que, no ano escolar em que o programa de História era: “A história russa contemporânea”, ela não estava na Rússia, mas na Espanha... Ora tratava-se de acontecimentos de normal e evidente presença no âmbito cotidiano das conversas de família ou de grupos de amigos.

Afinal, qual foi a parte da objetividade, qual da educação e da delicadeza nesta resposta que veio concluir tantas conversas pontuais: “Mas como é possível que o Sr. saiba mais do que nós sobre a história do regime soviético?”. E qual terá sido o sentido do sorriso com que, na hora da despedida, uma das minhas guias tirou do bolso para oferecer-me um baralho cujas figuras, de Lenin até Gorbachev, relembavam o regime abolido: “Uma volta à URSS” dizia o estojo. E a gentil guia: “É por acaso que está no meu bolso. Será para recordar ao senhor estas figuras de que parece gostar tanto...”.

A Rússia de sempre

Ao contrário, pareceu-me reconhecer a constante presença (sobretudo em São Petersburgo) de uma entidade meio mítica: a Rússia. Diria: a Rússia Eterna...! Simbolizada pelas figuras históricas em todo lugar evocadas: Ivan o Terrível, Pedro I (assim chamado, mais do que Pedro o Grande), Catarina II – e até o pequeno Nicolau II, “que era um homem bom, mas como um cidadão comum. Não soube ser Rei. E Rei da Rússia”. Neste sentido, nem se culpa a imperatriz por tê-lo incitado a impor-se (a minha evocação do: “Você é o Czar de todas as Rússias. Eles têm que te obedecer!”, não suscitou nenhuma reação) Ao contrário, frisa-se o seu papel tentativamente positivo: “ela queria ajudar seu marido e seu filho”.... Até o próprio Raspoutine aparece neste movimento de relativa reabilitação. Ou será que, nas conversas de família e na socialização doméstica das crianças, o famoso monge não teria sempre conservado, marcado prestígio? Voltarei a ele a propósito da religião.

Em todo o caso, senti, nos Museus, a contínua impregnação das pequenas cabeças pela presença destas grandes figuras, vendo o entusiasmo das jovens professoras que explicavam a crianças sentadas – e fascinadas – quem era Catarina II, por exemplo, cuja belíssima representação de mármore eles admiravam, ou ainda a história de tal general, “herói de tal guerra patriótica”. Perguntei se estas cenas eram costumeiras durante o “regime soviético”. E eram. Tornando claro então para mim – e o expressei – o fato de que o inconsciente histórico de todas as gerações atuais está totalmente povoado pela história de um povo e de uma Nação – e não por uma ideologia. Muito provavelmente o estourar da guerra – mais uma “guerra patriótica”, depois de tantas outras, a penúltima sendo a de Napoleão (imagino que o termo seja reservado às guerras em que o povo russo teve que defender o seu território, e lutar na própria Rússia) – terá obrigado o Regime a galvanizar o conjunto da população em torno de ideais que mantivessem vivos os sentimentos e a memória nacionais. Mas é também provável que o mesmo regime não tenha esperado a guerra para manter e cultivar esta imagem “mítica” da grande Rússia. Neste aspecto, a impregnação ideológica não sofreu dramática ruptura. Pelo contrário, foi marcada de continuidade. Resultado possivelmente não-intencional, e que toma patente o contraste com a ofensiva anti-religiosa. Esta, sim, surtiu diretamente efeito, e no sentido desejado pelo regime. “Os bolcheviques eram ateus”. E acabaram passando a sua sensibilidade e cabeça às gerações que eles

educaram. De fato, muitas Igrejas tinham visto deturpada a sua função social, tendo sido transformadas em lugares culturais – até em Museus anti-religiosos – enquanto os Museus continuavam desenvolvendo a mesma sedução e a mesma operação de construção mitológica no sentido do glorioso passado nacional e da identidade coletiva que lhe corresponde. Uma identidade de fundo, anterior e encompassadora em relação à própria identidade “soviética”. Neste nível é que não houve ruptura com o passado russo, mesmo nos primeiros tempos da revolução. Muito menos depois, quando a “mobilização nacional” tornou-se impreterível, durante e depois da guerra. Já falei do imenso Palácio de Verão, de Tsarskoïe-Selo, perto de São Petersburgo, praticamente destruído pelos alemães, e que foi inteiramente restaurado, com suas decorações barrocas e seus ouros. Nenhuma prova mais eloqüente da preocupação do regime com o passado russo que o contraste entre as fotografias das ruínas e o glorioso estado atual. Prova, aliás, que vem desdobrar-se para o período anterior à guerra: por exemplo, todo o recheio do Palácio, móveis, tapeçarias, cortinas, obras de arte, logo no início da invasão foi transportado até a Sibéria – e assim salvo.

Falei em Nicolau... No palácio Stragonov, um dos mais conhecidos de São Petersburgo, mas que era até há pouco a sede de uma burocracia qualquer, começou a ser montado um museu de cera. Por enquanto uma sala só. Algumas figuras típicas, dominadas por uma imagem central e um grupo em frente a ela. A imagem, solene, de proporção avantajada em comparação com as outras, vestida com todo o majestoso luxo que lhe convém, é a de Catarina II. No meio da sala, chamando primeiro a atenção, como que orienta os olhares para o grupo, um tanto menor, que a precede: Pedro I, o Grande, um homem alto e cavaleiramente dominador, a mão posta no ombro de um pequeno e simpático Nicolau II, num gesto ao mesmo tempo de carinho e de discreto desprezo. Como quem diz: “Vocês viram como eu fiz a Rússia. E este, coitado, como deixou-a desfazer-se”...

Entre os dois, Alexandre II, o assassinado. A imensa Igreja construída como um mausoléu no lugar do atentado – a única Igreja em estilo “russo” de São Petersburgo, inspirada pela Catedral de São Basílio de Moscou – foi recentemente reaberta à visitação pública, constantemente cheia de grupos (entre eles, é claro, muitas crianças). Ora, restituída na sua decoração de ícones em mosaicos, que a cobrem de alto a baixo (estilo levemente “Saint Sulpice”, sem a força hierática dos autênticos ícones; e no entanto, senti que são eles que agradam os não-especialistas, por serem mais “humanos”, expressivos e “modernos”). Grupos que desfilam diante do pedaço de pavimento de ma (conservado

ou reconstituído) que viu o gesto assassino. Imaginei que esta igreja tenha sido fechada durante o “regime”. Nem certeza tenho. Em todo o caso, ela mantém viva hoje uma lembrança difícil de ser assimilada dentro das coordenadas “revolucionárias”. E lembro-me como me impressionou o comentário espontâneo de uma das estudantes (especialmente jovem, é verdade, 18 anos, pouco marcada pois, pela educação anterior), me mostrando, no Museu Russo, um retrato ou uma estátua de Alexandre II e esclarecendo: “O senhor sabe que mataram o nosso rei?”. Como se fosse um acontecimento triste de ontem à tarde.

Aliás, esta continuidade da linhagem imperial está mais visível na Catedral São Pedro e São Paulo, onde, depois do sepultamento de Nicolau II e de sua família, estão agora os túmulos de todos os Czares. Túmulos rigorosamente iguais, simples, austeros até, como convém a mandatários de Deus que brilharam mais por sua missão do que por suas qualidades pessoais. (A não ser que – e não o verifiquei – estes túmulos padronizados sejam obras recentes, sucedendo a monumentos mais pomposos e anteriormente destruídos). Mas se falei: “o túmulo de todos os czares”, na verdade, para alguns russos, isto não significa: “o corpo” de todos eles. Com efeito, em perfeita coerência com a cultura política, paira sobre este monumento-resumo da história nacional a nuvem do Mistério. O corpo homologado como o do vencedor de Napoleão, Alexandre I, seria mesmo o do imperador? Existe a crença de que, durante uma viagem ao litoral do mar de Azov no sul da Rússia, este teria renunciado ao poder, recolhendo-se incógnito numa laura monástica. Seria, pois, de outro o cadáver devolvido a São Petersburgo sob o seu nome e aqui sepultado. Ainda hoje – e precisamente entre as minhas acompanhantes – as opiniões divergem sobre o episódio, repartidas entre os apostadores na força da mística e os “racionais” que se recusam a admitir que a imperatriz possa não ter reconhecido o corpo do seu marido.

Presença da História e também presença da cultura. Uma e outra, Russas. Continua o interesse para os músicos da grande Escola dos Cinco. Já falei ter assistido a uma ópera de Rimski Korsakov, totalmente envolta no fervor do maestro, fervor sensível naquele destaque profundo que ele dava aos soli tão típicos de madeiras ou de metais, fervor compartilhado entusiasticamente pelo público que ocupava – num dia de semana e com entradas a 40 dólares – todos os lugares do grande teatro. De modo mais geral, nas conversas, alusões constantes à literatura clássica, seus mitos, suas lendas. Pusckin totalmente presente, o seu “duelo” final lembrado com a maior naturalidade. Que dizer da literatura dos anos “soviéticos”? “O Don tranqüilo”, sim, também Pasternac. Mas “Os filhos da rua Arbatt”, desconhecidos, pelo menos no pequeno círculo

em que tentei falar deles. A rua Arbatt, que, para mim, evocava tanta lembrança histórica, para minhas guias era simplesmente o centro atual do comércio turístico... Soljenitzine, cercado de ambigüidade: “Ele foi muito importante quando não havia liberdade para falar e que ele falava. Mas agora, outros dão o recado, e de modo que nos toca mais diretamente”. Não consegui saber se era um relativo ostracismo ideológico por causa das posições “russófilas” e tradicionalistas de S., ou uma desvalorização do seu valor propriamente literário. Aliás, estas conversas foram mantidas com jovens, estudantes, ainda dependentes de programas escolares e que confessavam: “Este livro, temos em casa; mas não o li”. Deveria ter posto as mesmas perguntas a adultos, intelectuais talvez. (Pois na “gente comum”, tenho a impressão que o gosto pela novela está a substituir a paixão pela leitura outrora tão comum. É certo que se vêem algumas pessoas lendo no metrô, mas nada desta impressionante atitude coletiva de que falavam os cronistas de ontem).

Em termos de decoração e estilo de mobília, pareceu-me que a alguns fala de perto o estilo “moderno nacional”, tentativa de reinterpretação dos antigos estilos russos que vigorou na passagem do século. Quanto à música “popular”, enfim, distinção entre dois públicos, um mais aficionado às tradições populares russas – que têm, aliás, seus intérpretes novos e de sucesso – e outro aos conjuntos de rock, não só internacionais mas também russos. Não excluo a possibilidade de que a divisória entre estes dois grupos passe por uma fronteira etária bastante recente.

Um “paizinho”?

Junto com esta permanente presença da Rússia na memória coletiva e este esquecimento aparentemente sistemático do “episódio” bolchevique,³ é preciso mencionar outro traço psico-social, que me pareceu marcar a vida política do país: a necessidade de sentir este país tão complexo levado pela mão firme de um dirigente. “Que significa para vocês Gorbatchev?” “Nada. Ele prometeu muito. Não foi capaz de realizar nada”. Em outras circunstâncias: “E Ieltsin?” “Já o amamos muito (Dimitri até confessou-me que, no episódio

³ Uma vez, é verdade, uma jovem falou do “nosso Lenin”... Este tão usado possessivo plural será herança da impregnação “comunitarista” da educação comunista ou, quem sabe, da dimensão “comunitária” (cf. o mir) da Rússia de sempre?: “nossa cidade”, “nosso metrô”, “nosso país”, “nosso rei”, “nosso Lenin”, “nossa universidade”, etc.... Sempre pronunciado com carinho e apreço: “O que o Sr. achou do nosso metrô?”.

do bombardeio da Douma, ele “estava do lado dele. E hoje [tem] vergonha disso”). Mas ele não está mais em condições de “governar a Rússia. Ele está doente”. Sugeriu, com um gesto da mão levada à boca e o polegar estendido: “E algo a mais...”. Mas a resposta foi evasiva: “Não isso... O importante é que ele está incapaz de governar”. Alguém acrescentou até: com a diferença de Gorbatchev, que foi fraco mas pôde ficar aqui sem ser molestado, pois tinha as mãos limpas, ele “tem as mãos cobertas de sangue. É um criminoso e terá que pagar”. E Nicolau II? “Um homem bom. Mas que não soube ser o Rei!”. E Kroutchev? Também não significa nada. Fraco.” E Kerinsky? “Bem intencionado. Mas ele não teve o pulso forte para liquidar com os bolcheviques quando precisava”. Pedro I? “Alguns excessos, sim (sorriso). Mas que estatura!”. Stalin? “Um monstro!”. Como se o tipo ideal de político que convém à Rússia, um país imenso, feito de povos tão diferentes uns dos outros, seja o do governante da mão de ferro. Mas dentro de certos limites, que não se deve ultrapassar. O general Lieben, por exemplo, cuja figura aponta como a de um candidato forte à Presidência, “é perigoso: uma personalidade do tipo da de Stalin”.

Generalização indevida a partir de algumas declarações semelhantes a estas, que traduziriam então opiniões estritamente individuais – embora de muitas pessoas diferentes...? Quem sabe a manifestação mais pitoresca deste traço de psicologia política, tenha sido a reação do público a determinada cena da Opera de Rimski-Korsakov: “A donzela de Rkov”. A história é de amor e de enternecimento familiar, mas sobre um fundo de drama histórico: uma cidade revoltada contra Ivan o Terrível. Em praça pública, a população escuta os discursos dos líderes da revolta, adere mais ou menos a esta e se prepara para resistir, quando um mensageiro anuncia a próxima chegada do imperador com o seu exército. Os ânimos murcham. Quando as sucessivas estafetas que prenunciam a grande chegada começam a aparecer: porta-estandarte, lictores, oficiais da guarda, estado maior, o povo se submete mesmo, cheio de temor. Enfim, pela porta aberta da cidade à direita do palco aparece, triunfal, o imperador, montado num cavalo branco e luxuosamente vestido, ordenando de um braço estendido – cuja linha prolonga admiravelmente o movimento de sua figura – que o povo se prosterna, face contra o chão. A música, é claro, sublinha ação e movimentos corporais. Pois bem: naquele instante, em plena cena aberta, cortando o fluxo da música, a sala estoura em aplausos.

Qual o sentido desta ovação? Duas hipóteses, entre as quais não sou capaz de escolher. Talvez estivesse vindo à tona neste momento o sentimento nacional e a cristalização deste sentimento na figura do governante: enfim, “a

Rússia” conseguiu impor-se às tentações e tentativas de secessão e esfacelamento. Graças ao grande Imperador. Outra hipótese seria simplesmente a beleza plástica do momento cênico, que arrancou aplausos, embora extemporâneos. Fiz a pergunta, é claro, a todos aqueles com quem certa intimidade me permitia fazê-la. Foram unânimes: a solução estava mais do lado da estética. E tem que reconhecer que um argumento forte lhes dá razão: numa cena posterior, dois cavalos participaram da caça que se desenrolava no palco. E eles foram também aplaudidos, embora muito mais fracamente. Como se se manifestasse certa admiração diante do feito da “produção”, que conseguiu apresentar lindos cavalos, perfeitos atores, no palco... Pode ser. Provavelmente foi. Mas outra ressonância continua parecendo-me possível.

Na linha disto tudo, os crimes políticos que pontuam a grande história russa (pais que matam seus filhos, filhos ou esposa que matam pai e marido, execução dos mais próximos, etc, até aos assassinatos políticos que se multiplicam nestes últimos tempos) inscrever-se-iam dentro de certa lógica do poder – um poder que é necessário e, pois, uma lógica que tende a se impor. Dentro de limites, cuja representação pode, aliás, ser diluída pelo seu afastamento no tempo. Neste sentido ainda, o fenômeno Stalin seria um fenômeno bem situado e, em certa medida, compreensível, com a particularidade que irrompeu além de todos os limites (“monstruoso”) e é suficientemente recente para não ter sido ainda idealizado.

Finalmente, e projetando o grande exemplo de Catarina II, sempre lembrado, pergunto-me se, no fundo, no fundo, até para parte dos jovens, o modelo de um governo “autenticamente russo” não seria o do autocrata iluminista e modernista, no entanto profundamente conhecedor das “coisas da Rússia”. Catarina II a alemã escrevia, foi-me dito, numa belíssima língua russa e, apesar de amiga de Voltaire e dos enciclopedistas, conhecia perfeitamente e até ao detalhe os dogmas e a liturgia da Igreja Ortodoxa.

Se algo de tudo isso for verdade, a maior mudança desejável e previsível da cultura política – mudança de fato e sem dúvida já bastante adiantada – é a mudança de sensibilidade a respeito do papel da “autoridade” e do exercício do poder. Qual repercussão sobre esta dimensão da sensibilidade coletiva terá a emergência dos “Novos Russos”? Pode se pensar em duas direções. A primeira, a do liberalismo: não se aceitaria mais, neste meio, imposição alguma que venha do alto. Mas a segunda pode ser um reforço da mentalidade tradicional de submissão, com uma transferência de identidade dos detentores da autoridade. Doravante, compete aos possuidores do moderno sacramento do poder: o

dinheiro, impor-se na cena pública – coletiva e particular. Quero dizer também nas relações quotidianas. Lembro-me de uma cena da qual participei no avião que nos levava de Frankfurt até São Petersburgo. Tinha pedido uma janela, e estava já instalado quando dois jovens russos, visivelmente “novos russos”, sentaram a meu lado, numa fileira de três lugares. Vestidos com esmero, falando alto, gestos amplos e “espaçosos”. Quando o avião levanta vôo, eles repararam que, um pouco adiante, tem, no corredor, um lugar vazio. E, simplesmente, me “pedem” (“mandam”, “indicam”...? É difícil penetrar o sentido de gestos) para deslocar-me, perdendo a minha janela e indo eventualmente incomodar outros passageiros que gozavam de mais espaço, para que eles próprios possam usufruir das três poltronas e do espaço para sua voz ressoar. Inútil dizer que os seus carrinhos de bagagens estavam mais do que abarrotados, na chegada em São Petersburgo. Retomando agora a literatura russa com outros olhos, vejo muito bem nestas figuras os sucessores dos “petits pères” aristocráticos, jovens barines apenas mais do que adolescentes, e diante dos quais os veneráveis camponeses se prosternavam. Mas hoje sem nada do laço atávico que, em muitos momentos nesta literatura, vinha a compensar a dureza da brutal desigualdade.

É verdade que, diante dos barines de hoje a opinião pública, sobretudo a da jovem geração, não está disposta a se prosternar. Embora subsistam reflexos antigos. Falando em religião, por exemplo, a frase mais ouvida era a afirmação de que “os bolcheviques eram ateus”. Os comentários eram dos mais variados: desde a lamentação de um fato que é causa de que “hoje, infelizmente, não sou religiosa como o desejaria”, até uma declaração de adesão: “recebi esta formação: não sou religioso”. Mas, uma vez pelo menos, e da boca da mesma pessoa de quem tinha ouvido freqüentes afirmações sobre o ateísmo dos bolcheviques, ouvi também, numa frase de estrutura gramatical exatamente homóloga: “Naquele tempo, nós éramos ateus”. Como quem subentende: nossos dirigentes eram ateus, mandavam-nos sê-lo. Pois “éramos” ateus”. A autoridade poderia assim determinar até o conteúdo das consciências.

Tais reflexos, sem dúvida bem apagados, poderiam retomar vida diante de circunstâncias de crise? Fiquei impressionado, por exemplo, com a determinação de alguns que, falando da situação no Kosovo, manifestavam uma total recusa para qualquer intervenção da ONU, recusa baseada na inquestionável autonomia, “na sua casa”, de cada nação. O que poderia então acontecer na Rússia, num momento de crise, diante do apelo de um dirigente nacionalista?

Em sentido contrário, entretanto – e nas mesmas pessoas sob outros ângulos – este nacionalismo pareceu-me bem equilibrado. “Para nossos pais,

sim, os alemães continuam odiados. Mas já na minha geração (a pessoa podia ter uns trinta e cinco anos) isso acabou”. E uns mais jovens reagiam assim às amputações dos territórios russos realizadas pelas independências recentes: “Algumas nações, é normal que se tenham separado: nunca foram russos, sempre tiveram outro nível de vida. Por exemplo os países bálticos. Ao contrário, para outros, os ucranianos por exemplo, isso dói. São russos como nós. Não poderiam ter-se-separado”.

O comunismo

É possível que o comunismo volte. Era a afirmação de um célebre jornalista, numa folha de São Petersburgo, editada em duas línguas. E determinado colega julgava esta hipótese provável com 80% de chances!. Outros negavam. Em todo o caso, alguém em Moscou acrescentava (e pareceu-me ser este o sentido tanto da afirmação quanto da negação): “Mas não o comunismo ideológico”. Pois, explicavam-me alguns, o comunismo é uma ideologia, com tudo o que isso significa de fabricação artificial. Neste sentido, não pode mais funcionar. Mas “os comunistas” podem muito bem voltar ao poder (pelo voto, por um semigolpe...? Isto ficou sempre ambíguo), como uma tentativa para solucionar a crise. Quem o deseja não são os jovens, nem provavelmente os de meia-idade, mas os mais velhos (alguns dos mais velhos), que aspiram a reencontrar a segurança que já conheceram.

Na família que me recebeu para jantar, por exemplo (pai, mãe e avó de uma das estudantes que me acompanharam em São Petersburgo), o discurso era nitidamente anticomunista. No entanto, em certa hora manifestou-se o que me pareceu relativo elogio do Antigo Regime. Brinquei: “Pelo que estou vendo, uma família anticomunista, mas com matizes...”. O pai de responder: “Não! anticomunista sem matizes”. E a avó, com doce firmeza: “Mas de olhos abertos. Não se pode negar que recebia a minha pensão e não a recebo mais...”.

Interessante notar que era este senhor que declarava-se “ateu”, como aprendeu a sê-lo, enquanto a mãe e a avó eram religiosas e a filha “nem tanto quanto desejaria sê-lo”. Os cruzamentos de convicções e de ideologias são, pois, complexos.

Redigindo estas notas, alguns dias depois de minha volta, leio o livro de Gorbatchev: *Perestroika*. Parece-me encontrar ali uma explicação possível do ostracismo no qual caiu Gorbatchev. “Prometeu muito e deu pouco” disseram-me. Mas também aquele jornalista lusófono me disse ter chegado à conclusão

(e espantou-se de que, na base de informações que tínhamos no Ocidente, tivesse eu chegado a conclusão semelhante) de que Gorbatchev poderia ter sido menos hostil ao golpe que “tentou derrubá-lo”. Agora entendo melhor: o livro é de um comunista convicto. Ele não queria destruir o socialismo, mas modernizá-lo, voltar a Lenin e prolongá-lo criativamente. Na ocasião, Ieltsin soube romper. Provavelmente tomou o pulso da opinião pública: “Já o amamos muito!”... Se um dia algo do comunismo voltar, quem sabe Gorbatchev poderá ainda ter a sua hora? A menos que, tendo ficado entre um e outro campo, tenha vista esta hora passar definitivamente.

A aparente não-percepção de alguns detalhes do cotidiano vai no mesmo sentido do “esquecimento programado” de que falei acima. Cruzamos no metrô, por exemplo, um belo soldado, alto, louro, jovem, provavelmente recruta. Uniforme inteiramente novo, marcado, na boina de pele e no braço, pelo que, num relance, pareceu-me uma insígnia vermelha da foice e do martelo. Chamei a atenção das duas estudantes, que não me pareciam ter notado nada de especial, e que nem contestaram nem confirmaram o fato. “Qual o sentido disso? Já que nove anos passaram desde a queda da União Soviética...” “Nada...O exército é pobre. E seria muito custoso transformar os uniformes”. Contestei o argumento: este uniforme era novo, a insígnia não era bordada, mas costurada. Era, pois, mais barato abster-se de acrescentá-la... Por outro lado, atrás de um motivo de ordem econômica, existe quase sempre uma carga simbólica também explicativa. A idéia nem lhes tinha ocorrido. Continuei: “Isto me orienta para a pergunta que muita gente lá fora se faz: ‘De que lado está o exército’?”. E a resposta: “É verdade! Nunca tínhamos pensado nisso...”.

Em todo caso, percebe-se a permanência de valores introjetados há tempo e que continuam permeando a vida social. Os empregados simples, por exemplo, funcionários modestos como guardas de museu, dos vestiários de museus e teatros, parecem votar uma dedicação tranqüila e feliz ao cumprimento do seu ofício. Vi um deles, no teatro da Opera, recusando uma gorjeta e, saindo do seu espaço, perseguir a moça que lhe tinha dado, até conseguir enfiá-la no bolso do seu casaco. Este clima é sensível em toda parte onde há “serviços pessoais”, menos quando entra em jogo a categoria de “turistas”. Neste caso, tudo indica que, segundo a reflexão de alguns dos meus amigos, o conjunto da sociedade talvez não esteja preparada para receber este portador de “moeda forte”. Não falo propriamente dos preços de entrada nos museus, com uma diferença abissal entre a soma pedida aos “russos” e a reservada aos “estrangeiros”; pois esse incentivo à cultura dos nacionais poderia ser

legítima. Falo de relações menos oficiais, por exemplo com alguns funcionários dos hotéis turísticos. Tudo é pretexto nesses casos para extorquir um dinheirinho a mais. Com gentileza, aliás, e aceitando tranqüilamente a recusa e a lembrança do “preço justo”... De um modo muito geral, ao contrário, cumprimento tranqüilo do serviço de cada um, embora possa ser humilde, ou também, na rua e no espaço público, respeito pela “lei”. Ruas limpas. Papéis eventualmente “perdidos” que são “devolvidos”...

Um exemplo pitoresco desta “obediência cívica” inscrita no mínimo detalhe dos gestos: No *Foyer* do Grande Teatro de São Petersburgo, o público circulava cuidadosamente sobre o caminho de tapetes que circundava a sala, sem pisar no chão de madeira trabalhada. E em sentido de mão única. De repente, no entanto, um casal relativamente jovem trocou uma olhadela e, decididamente, rompeu o charme do movimento coletivo dando um primeiro passo fora do caminho de circulação permitida. Foi visto, observado – mas não imitado por ninguém. Assim, tudo indica que o regime conseguiu incutir à sociedade um *habitus* de cidadania passiva (os “deveres”) que atinge amplas faixas da população: os valores socialistas (responsabilidade, solidariedade) de que fala Gorbachev, indissolivelmente misturados com obediência e disciplina – e, além do mais, destituídos hoje, ao que parece, da nota de entusiasmo que fazia sua grandeza “popular”, segundo o autor. No Metrô de Moscou, indaguei sobre a função de uma moça, sentada ao pé das escadas rolantes numa guarita de vidro de onde ela podia abarcar o movimento de todos os que desciam e todos que subiam. “Ela está aqui para manter a ordem”, começou a responder uma de minhas acompanhantes, imediatamente interrompida pela outra, que pareceu sentir a inconveniência da resposta, e que terminou: “Está aqui para responder às perguntas das pessoas”.

Em casa e na igreja

Mais uma palavra sobre a vida doméstica. Pouco contato. Apesar do privilégio de ter jantado numa família.

As conversas fizeram-me descobrir que é grande ainda o número de pessoas que moram em apartamentos coletivos. Lembranças nem muito boas da parte de quem conseguiu sair deles (Catarina, por exemplo, que morou num apartamento coletivo até aos oito anos de idade (tem 20). Eram dois “quartos”, depois três, para a família (pai, mãe, filha, avó), o que lhes permitiu, no fim, transformar um dos quartos numa “sala” para uso próprio). Realidade

considerada como mais amena por aqueles que, como Nicolai e sua mulher, acederam a este apartamento depois de ter vivido em outro tipo de “coletivo”, uma habitação para estudantes: corredores de 50 quartos (individuais ou para casais), com um só WC por andar e, nas extremidades, uma ducha para homens e uma para mulheres... Para este casal, o fato de ter agora um quarto (que é sala de estar, de visita, sala de jantar, quarto de dormir, escritório) num apartamento onde moram mais duas unidades domésticas, que utilizam a mesma cozinha, o mesmo toalete, o mesmo corredor, é uma promoção e um achado delicioso. É o mesmo Nicolai que confessava ter acreditado muito tempo que, no Ocidente, as crianças passavam fome. Mas é também ele que maneja a sua Internet e comunica com o mundo pelo computador. Conhecendo já Portugal, ele tenta obter bolsa para fazer o Doutorado em Coimbra. Nas últimas notícias, sua mulher já está lá.

Mas a família da Catarina, na casa de quem jantei, mora agora num apartamento próprio. Seus pais o receberam (a posse, não a propriedade) da fábrica onde trabalha o pai, depois de longos anos de espera numa lista. Quando vieram as privatizações, conseguiram comprá-lo bem baratinho. Foram – em outra escala! – as privatizações, se entendi bem – Brasil, Brasil!... – que permitiram a certos altos funcionários (e outros), juntando o dinheiro obtido através de seus postos na nomenclatura com os preços ínfimos dos bens públicos postos à venda, de tornar-se ricos de um dia para outro. Estes (e outros). “Novos russos” compraram vários apartamentos ontem coletivos nos mesmos prédios históricos do centro de São Petersburgo para, juntando-os, reconstituir grandes moradias (serão as mesmas que as antigas, pré-revolucionárias?). Por isso pouco se vê (pessoalmente não vi nenhuma) casas novas e luxuosas, construídas pelos novos donos do dinheiro. Pelo menos em São Petersburgo. Ao contrário, nos arredores da cidade, existem muitas pequenas casas de madeira, sem aparência nenhuma (as compararei aos “cabanons” onde os habitantes de Marselha vão passar os fins de semana, para pescar e cultivar alguns legumes). A impressão geral de quem passa na estrada é de um acúmulo de barracos, próximos uns dos outros. É neste espaço minúsculo, parece, que as pessoas se dão a impressão de reencontrar a natureza e conseguem complementar a sua dieta por produtos não comercializados. Até ali, nada de especial. Mas a decepção começa quando o visitante fica sabendo que estas casinhas são *datchas*... Cai logo uma das representações míticas que povoavam a imaginação ocidental. Provavelmente o tipo de *datchas* que nos acostumamos a associar aos personagens políticos de alto nível não era – e não é – tão comum assim.

Voltando ao apartamento dos senhores Boris e Ludmila, da D. Catarina, mãe da Sra. Ludmila e da Catarina neta, ele se situa numa rua comum, em reparo quando a conheci. Casa modesta mas bem construída, escada de difícil conservação, porta reforçada por medida evidente de segurança. No interior do apartamento, o clima é de aconchego simpático e de conforto simples. Um corredor, na entrada, cujas paredes estão inteiramente atapetadas de livros, toailete espaçoso, WC, cozinha, e dois grandes cômodos. Um serve de sala de visita, de sala de jantar e de quarto para os pais. Estes dormem num sofá-cama, que abrem depois da refeição da noite. Come-se numa mesa baixa, estando os convivas sentados neste sofá e nas poltronas do seu jogo. Não fiquei sabendo se este tipo de mesa baixa para as refeições é tradicional na Rússia, ou se imposto aqui pela polifuncionalidade dos lugares e dos móveis. No outro quarto dormem avó e neta, e estudam as pessoas da casa numa bela mesa antiga. Aparelho de som, televisão, um móvel-vitrine tipo cristaleira, um bufê. Na cozinha, a avó utiliza uma televisãozinha portátil para acompanhar suas queridas novelas (entre elas algumas brasileiras).

Esta senhora não sentou conosco no início da refeição, tendo dito que estava com vergonha. Mas ela se aproximou pouco a pouco até ficar (teria então acabado o horário da novela?)

Conversa das mais agradáveis e livres. Nenhuma pergunta minha foi respondida com restrição (visível) nem com rapidez superficial. A propósito de tudo cada um arriscava sua resposta, estas respostas dialogavam entre si, com respeito e afeto, mesmo em caso de discordância. Claro, deram-se os ritos da vodka para os homens, do vinho para as mulheres, dos sucessivos *toasts*, que criam um clima de amável convivência. É a hora de deixar falar o coração, num misto de ritualismo e de espontaneidade que se acompanha de ironia e brincadeira. Foi assim também no jantar de encerramento do Congresso, só que com maior ritualidade: o Prof. Alexander, o “brasileiro” chefe do Departamento, exercitava o ofício daquele que, disse ele, foi um dia chamado por um espanhol de “El brindador”. De tempos em tempos ele levantava e, tendo na primeira vez feito o seu brinde, passava sucessivamente a palavra a alguns dos convivas, escolhidos por surpresa e que ele apresentava de maneira amigável e cheia de humor. Cada um então fazia o seu pequeno discurso e oferecia o seu brinde. Na casa de família, o rito era mais simples, mas também de tempos em tempos a mãe de família, depois de ter feito o primeiro *toast*, perguntava: “E agora, de quem vai ser o próximo brinde?”. Alguém tomava a palavra, mais ou menos induzido pelo olhar insistente da brindadora.

O casal trabalhou muito tempo com a equipe *de foot* de Leningrado. O que deu pano para a manga da última Copa do Mundo. Quem era o melhor: França ou Brasil? Para quem teria eu torcido? A lógica teria sido a vitória do Brasil, etc. O Brasil em alta! Falamos também de política, é claro, de história, de literatura um pouco, de economia e da atual situação. A crise é dura realidade. 80% do que fazemos, disse-me o Sr. Boris, é “mercado negro”. Ele queria dizer, como o apuramos juntos, “economia informal”. Isto provavelmente explica que ele saia de casa às 6.30, como me dizia Catarina, para não voltar antes das 22.30. E me fez entender como os professores universitários podem viver com um salário de 80 dólares por mês. Sendo que o seu status social os obriga, aqui, a certas despesas, por exemplo de roupas. “Todos eles fazem outra coisa, me dizia alguém, dão aulas ou têm até uma escola própria”. Até que ponto esta crise é generalizável, e quem são aqueles que conseguem dela escapar? Uma das perguntas mais candentes, que não tenho possibilidade de comentar. Suspeito que as minhas condições de estadia e a amizade que me cercou tenham-me poupado do contato com o que de mais dramático existe no quotidiano atual do povo russo. Simplesmente posso afirmar que observei a extrema – para não dizer absoluta – contenção das despesas, inclusive de parte dos colegas professores. No almoço, por exemplo, não comem praticamente nada, a ponto que podem até falar em “tomar um cafezinho”... As minhas duas acompanhantes não pensavam em comer nada durante o dia, apenas aceitando uma coisinha depois de enorme insistência minha. Imagino o esforço dos meus anfitriões para preparar o delicioso jantar que me ofereceram.

Falou-se, enfim, de religião. O Sr. Boris, fiel à formação recebida (apesar de ser anticomunista), é não-religioso, ateu. As Sras. não. São religiosas. Mas confirmou-se o que tinha pressentido em vários momentos: trata-se de uma religiosidade em boa parte residual – e atualmente de novo reviviscente – feita de reflexos profundos transmitidos por uma socialização familiar e doméstica, muito pouco trabalhados intelectualmente. Um sagrado “estruturalmente” vazio, preenchido no entanto pela densidade de sua própria vacuidade conceitual. No fundo, tudo se joga em torno dos ícones e dos milagres, da intervenção dos ícones. na vida quotidiana das pessoas. E assim, em certos casos, na própria história. Há ícones que secretam cremes milagrosos, a mirra, por exemplo, o “creme sagrado” por excelência. E há pessoas vivas que também incarnam este poder “sagrado”, sem, aliás, que sejam necessariamente referidas a uma dimensão de “santidade” propriamente dita. Quem sabe (não foi por ocasião desta conversa que o exemplo foi para mim evocado) não teria sido

o caso de Raspoutine? Ele poderia, sim, ter salvado o pequeno príncipe, pois tudo indica que ele gozava de poderes sobrenaturais, tendo predito ao soberano: “Se eu for assassinado pelo povo, a dinastia salvar-se-á. Mas se for morto pela aristocracia, o pior acontecerá para o trono”.

Em certa hora, a Sra. Ludmila foi buscar o ícone dela, numa moldura de cobre, se bem percebi, envolto num pano delicado, com o qual ela o alisou antes de me entregar. Perguntei: “Com ele a Sra. tem uma relação especial? A Sra. lhe fala? Ele protege a Sra.?” E a resposta foi simplesmente afirmativa, repetida com convicção: “Sim, ele me protege”. Na hora, pouco insisti. Mas em outras ocasiões tentei saber o conteúdo desta “religião”. E especialmente o significado dos ícones. Em Moscou, por exemplo, fiquei ciente de que cada um tem dois ícones: aquele que corresponde ao seu dia de nascimento e o outro, aquele que as pessoas acabam te atribuindo (não ficou claro como se processa esta atribuição) por causa de circunstâncias, de profissão ou atividade de que é protetor, de traços psicológicos seus que lembram os que a biografia dele revela, etc.... Como não pensar, tanto nesta escolha quanto na relação doravante estabelecida com ele – especificamente com a sua imagem – nos orixás do nosso candomblé? Não é a toa que eles foram assimilados aos santos – aos ícones.

Já falei que Catarina disse não ser muito religiosa apesar de desejá-lo. Quando ela entra em igreja, ela se sente em casa, isso lhe diz respeito. Ela reza, no sentido ritual, se entendi bem. Quer dizer faz os gestos de reconhecimento das realidades sagradas, por exemplo o sinal da cruz (para nós arrevesado) ou a inclinação quando entra ou sai da igreja, quando aparece numa leitura o nome de Jesus (ou talvez de Deus). Também dizia-me um colega: “Não sou propriamente religioso; mas isso não me impede de pôr a minha vela junto do ícone quando preciso”. Esta dimensão própria e estritamente ritual pareceu-me fundamental para entender não só o surto “religioso” atual de que algumas reportagens falam, mas talvez a própria tradição religiosa ortodoxa, provavelmente pouco marcada, pelo menos na sua dimensão popular, pelo intelectualismo dos últimos séculos católicos. A missa à qual assisti foi uma rica sucessão de leituras, de cantos, de incensamentos, de entradas e saídas da iconostase, tudo pontuado pelos gestos de piedade dos assistentes. Assistentes que ficam todos de pé. Até o imperador tinha que se submeter a esta injunção de reconhecimento do sagrado e, na catedral da fortaleza Pedro e Paulo o seu lugar especial ainda está marcado, feito de um baldaquino vermelho encimando um pódio, mas sem trono.

O que mais me chamou a atenção, entretanto, foi o policentrismo deste rito no seu conjunto. Por um lado, desenrolava-se o rito essencial, com o pope, os ajudantes, o coral em pleno destaque. Tudo em torno do altar e dos púlpitos de onde se derramavam os textos sagrados, precisamente os textos destinados a preencher os ritos de um conteúdo intelectualmente identificável.

Mas, por outro lado, uma senhora de idade, vestida de preto, passava o seu tempo a peregrinar ostensivamente, chamando a atenção para os seus gestos, e implantando nos múltiplos e imponentes castiçais em toda a parte presentes (diante dos ícones, perto dos púlpitos, no portal da iconostase, etc.) as pequenas velas que, provavelmente, as pessoas tinham comprado e a ela entregue para que as representasse neste ato de homenagear iluminando (o santo, o espaço, a palavra, finalmente Deus). Papel fundamental da luz no culto ortodoxo, mais exatamente do contraste entre a luz e a sombra. Com efeito, três me parecem ser neste modelo cultural as características do sagrado. Em primeiro lugar, a explosão de luz, desde a presença do estouro solar encimando quase todas as iconostases, até estas pequenas velas em toda parte presentes nos espaços sagrados, criando mesmo o clima que os caracteriza. Por outro lado, e em contraste, a treva, a escuridão, a cor preta: o mistério insondável, tanto por sua luminosidade quanto por sua impenetrabilidade. Em cálices do tempo de Pedro I, por exemplo, certos motivos de decoração que, com a mesma função e em formas semelhantes, teriam sido de ouro, de pedras preciosas ou de esmalte colorido no “ocidente”, eram aqui de pedra preta ou metal escurecido. Decoração negra que reencontrei nos jardins “à la française” do Palácio de Verão, feita de pedras escuras formando parte dos desenhos que, em outros lugares, seriam realizados com folhagens ou flores. Enfim, terceiro elemento simbólico do Mistério, a imobilidade, a posição de contemplação, com o repouso muscular absoluto. Esta posição domina os ícones dos tempos clássicos (séc. XVI), ficando claro, no Museu de Arte Russa, que os corpos vão perdendo o seu hieratismo, se animando, sendo dinamizados e ativamente projetados por tensões musculares cada vez mais marcadas na medida em que os séculos vão andando e a História vai penetrando a representação do tecido social, inclusive religioso. No fundo, na medida em que se entra na era da Rússia moderna, filha de Pedro I e do séc. XVIII.

Tudo isso, a propósito da luz, e das luzinhas que a velha senhora vai semeando no espaço em nome dos outros fiéis. O movimento desta senhora, em contraste com o rito central, contribuía a dispersar a atenção e a pulverizar as presenças, pelo menos através desta delegação, no coração mesmo do lugar

sagrado essencial, onde se desenrolava o rito. Através dela, cada um podia penetrar intencionalmente no santuário em princípio reservado ao celebrante clerical. Mas um terceiro nível ainda está presente, de total dispersão este, e de presença efetiva e real dos indivíduos fiéis junto aos seus santos. Durante toda a missa, com efeito, alguns fiéis vão circulando, de ícone em ícone, selecionando alguns entre os muitos que povoam o espaço, e diante deles se prosternam, se inclinam, às vezes até à terra. Homens ou mulheres indistintamente.

Juntando observações e depoimentos, penso poder sugerir que o mais marcante, hoje, na espiritualidade ortodoxa no seu nível de vivência popular, é um reforço daquilo que, em texto recente, chamei de “religião fundamental”, globalidade de uma atitude de reconhecimento do sagrado mais do que iluminada vivência explícita de um universo conceitualmente balizado graças aos livros lidos, à tradição viva, à explicação dos textos sagrados, aos catecismos. Coube-me muitas vezes dar às minhas guias informações, complementares das poucas que já possuíam, sobre o significado de cenas bíblicas nos mosaicos das catedrais do Kremlin ou as representações mais pormenorizadas das vidas dos santos nos ícones; sobre certos pontos gerais, também, da sacramentalidade do culto cristão. Seria o caso de constatar uma ruptura entre o rito, cujo sentido motor é por si só significativo dentro de um universo globalmente sacral, e o mito, que poderia preencher este rito de um significado preciso, historicizado pelas narrativas bíblicas ou doutrinalizado pelo catecismo eclesial, mas que, de fato, parece ter sido em boa parte esquecido.

No entanto, não se pode generalizar. Pelo menos uma das estudantes que me acompanharam parecia efetiva militante de uma religião viva e em processo de afirmação. Ela conhecia os sentidos rituais, entendia da recente literatura religiosa, tomava partido entre as orientações de dois metropolitas sucessivos, um, “de quem gostávamos muito”, e que tentava fazer entrar o cristianismo e a igreja no concreto da vida social contemporânea; outro, seu sucessor, que parece querer confiná-los num espaço reduzidamente “espiritual”, e cuja pregação não encontra eco, pelo menos no seu grupo. Em que medida este grupo é representativo? E de quem? De que? Poderíamos ter aqui o análogo daquele outro grupo reduzido de jovens que, foi-me dito, interessava-se ativamente pela política, em contraste com o grande número daqueles que “não querem saber”. Em todo o caso, é provável que, nos seminários e nos mosteiros, nestes lugares onde vivem aqueles jovens padres ou monges que vi, garbosamente enroupados nos seus hábitos novos e dominando os transeuntes com toda a altura de seu chapelão ritual (em contraste com outros simples

curas, de batinas surradas, que ouviam devotas ao pé de largas colunas, nas catedrais), deve processar-se uma fermentação de idéias em torno do papel da religião na sociedade russa contemporânea e, antes disso até, em torno da elaboração intelectual do conteúdo atual do cristianismo, deste cristianismo ortodoxo. Sobre este pensamento vivo, sobre a sua relação com a experiência religiosa efetivamente vivenciada pelo homem da rua, não me foi possível, infelizmente, averiguar nada.

O ícone de D. Ludmila nos levou longe... É tempo de voltar à mesa. Um conjunto de entradas, preparadas pela neta e a avó, a partir de produtos cultivados na pequena *datcha* da família (uma casa, num terreno de 250 m²) ou catados nos bosques dos arredores (legumes, saladas ou champignons, preparados com molhos diferentes e deliciosos), acompanhando um planturoso prato de frios. Regado a vodca e a vinho para as senhoras. Segundo serviço, um prato tipo nhoque cuja receita foi-me prometida, e que era feito na base de indicações publicadas pela mulher do Presidente Ieltsin, complementadas pela própria D. Catarina, com verduras e carne moída, e agremetada de um molho saboroso. Posso dizer, a propósito dos poucos pratos russos que me foi dado comer – e em contraste com outras cozinhas nacionais de que experimentei algo no avião, que ela se distingue pela variedade de sabores individualmente perceptíveis. Pouca gordura, imagino, cuja abundância igualaria tudo num sabor indeterminado, como em outros lugares. Mas a nítida e rica percepção de cada um dos ingredientes ou temperos – e devem ser muitos – que entraram na composição do prato.

Falta-me retornar ao hotel, acompanhado, como sempre, mesmo nestas altas horas da noite. Desta vez é Estela, que me diz ter que tomar o mesmo metrô para voltar à sua casa. Nenhum medo de circular à noite. Em outros casos, sou eu que não deixei meu ou minha acompanhante sair do metrô para me levar até o fim. Por eles, teriam ido (como, de fato, eventualmente o fizeram) – e voltado sozinhos, por um longo trecho de avenida deserta. Quanto a mim, nem esta avenida nem outro lugar me produziram medo. Ingenuidade? Ou, como parecem indicar as atitudes de todos aqueles que lidaram comigo, ausência real de perigo? Um detalhe, mas que deixa entrever a distância entre o que os nossos jornais dizem sobre a Rússia de hoje, sem dúvida não sobre a própria crise e a miséria que dela resulta, mas sim sobre algumas de suas propaladas conseqüências, como a insegurança da vida quotidiana, – e a realidade, pelo menos desta cidade encantadora e de seus habitantes, de quem alguns ficaram meus amigos, e que gostaria que me fosse dado rever.